

Série Arte Popular, Cultura e Poesia



des troço

luciano bezerra gomes



Série Arte Popular, Cultura e Poesia

luciano bezerra gomes

des troço

1ª Edição

Porto Alegre/RS, 2023

Editora Rede UNIDA



Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: Alcindo Antônio Ferla

Editores Associados: Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Daniela Dallegrave, Denise Bueno, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Cecon, Stephany Yolanda Ril, Virgínia de Menezes Portes

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Àngel Martínez-Hernáez (Universitat Rovira i Virgili, Espanha).

Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália).

Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália).

Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha).

Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América).

Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

Érica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).

Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).

Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

Jacks Soratto (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).

Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil).

Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina).

Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).

Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil).

Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).

Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil).

Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).

Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil).

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil).

Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil).

Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).

Sara Donetto (King's College London, Inglaterra).

Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil).

Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil).

Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

Vanessa Iribarrem Avena Miranda (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil).

Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).

Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza

Jaqueline Miotto Guarneri

Camila Fontana Roman

Projeto Gráfico | Capa | Edição Imagem Capa | Diagramação

Luciano Bezerra Gomes

Arte da Capa: montagem sobre pintura de **Júlia Nascimento Gomes**

Arte da segunda capa: efeito sobre grafite do **Banksy** (domínio público)

luciano bezerra gomes



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633d Gomes, Luciano Bezerra
des troço – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.
87 p.
(**Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 9**).
E-book: PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5462-081-9
DOI 10.18310/9786554620819

1.Poesia. 2. Literatura. 3. Obra Popular. I. Título. 4. Arte. II. Série

NLM WZ 350

CDU 82-1

Ficha catalográfica elaborada por Alana Santos de Souza – Bibliotecária –
CRB 10/2738

para Eliane Brum, Suely Rolnik, Lilia Schwarcz, Heloisa Starling, Débora Diniz, Rosana Pinheiro-Machado, Djamila Ribeiro, Alessandra Orofino, Laura Carvalho e Esther Solano, por me ofertarem lentes para compreender a produção desse mundo em implosão e darem bases para criar ferramentas para forjar mundos outros

para Juliana Sampaio, Angeluce Soares, Sarah Segalla, Dilei Schiochet, Ermínia Silva, Fernanda Freitas, Clarissa Seixas, Sabrina Ferigato, Aline Blaya, Ana Karenina Arraes, Mónica Franch, Ednalva Neves, Ana Lúcia Pinto, Tarciana Costa, Lizandra Serafim, as Danis Barreto/Lima/Moreira/Alves, Luciana Maria, Isabel Azevedo, Lurdinha Maia e Isabella Lira, pela interação que permitiu seguir pensando formas de me produzir coletivamente e disputando futuros possíveis mesmo em tempos tenebrosos

para Adriana, Clarice, Luiza e Júlia, por darem sentidos ao desafio de insistir em existir

Sumário

prefácio, por Alexis M.....	7
passagens.....	21
mins.....	30
foras.....	49
um pouco de.....	68
escrevescendo.....	74
sobre o autor.....	86

prefácio,
por Alexis M.

**nos des troços do livro:
uma partitura a céu(f) aberto
para co(m)certos (d)e
poem(á)r(vor)es
alexis m.**

O que se esperar de um livro? Ou, ainda, o que se esperar do prefácio de um livro? Ainda mais de um livro de des troços ou, melhor, dos des troços de um livro.

No umbigodolivromundo, Luciano já sabia, tal qual Manoel de Barros, “que as coisas inúteis e os homens inúteis se guardam no abandono. Os homens no seu próprio abandono. E as coisas inúteis ficam para a poesia.”

Sob/re o escrivinhador e o pala(vra)dar poético que co(m)voca vemos o exercício de, a partir da própria vida, seus apetites, desejos e des troços, uma insist[em]cia na existência. Quer dizer, se se esperava encontrar aqui apenas destroços e pó/emas, a escritura de Gomes é do gosto daqueles que preferem “caminhar na parte da areira / em que a onda ainda guarda forças”.

des troço

Ali onde, entre passagens e paragens, vemos a i[n]manência de uma vida e de um pesso/ar que, lembrando novamente Manoel, podemos frasear como o de “muitas pessoas des troçadas”. Pessoas poderosas na medida mesma em que “poderoso (...) é aquele que [se] descobre ou[t]ro, é aquele que des/cobre as in/significâncias (do mundo, as nossas[, dos (seus) afetos e (seus) pala(vra)dares])”).

E, de fato, logo nota-se como pela *interação* o autor pensava formas de “[s]e dilu/ir no encontro”. Isto é, de (se) produzir coletivamente e de di(z)putar f[r]ut(ur)os possíveis que, para além da busca de crenças para si, visa e sente (n)a pr/es(s)ênc(i)a do mistério, a desnecessidade de profetas, e, diferentemente disso, a necessidade de poetas e pó/emas: ao pó não retornarás, já aos pó/emas e à pó/esia, esses serão nosso ritornelo cósmico.

Uma pó/esia que, como diz o autor, tal qual a poeira das estrelas, teima em insistir em viver, em vi(r)ver, em (de)vi(r)ver e, ao contrário de enlutar: e(n)viver, (n)viver, e(m)viver. E(m)viver na flecha lançada que, já no princípio, er[r]a o verbo e o poema.

Poema como meio, início e (con)fim de mundos, inclusive com(o)fim de inventar um fim, um trans/corso *infi(m)*dável e (*in*)comum de (e para) trans/bordar e trans/b[r]o(t)ar mundos e finsmeiosmidiasmediasmudasmundos que, no seu te(i)m/ar, (se) in/venta(m) no (dev)ir da exist(em)cia desse umbigolíngualivromundo, seu vi[r]ver, (n)os seus viveres, (n)os seus víveres-viveres que in/venta(ria)m nessas, em e p(ô)r outras vidas: “já era um / meio (...) / brotamos aqui pelo m e i o / de outras vidas”.

O fim, o meio, o co(m)fim, o meio. Um mei/ar onde, lembrando de Auzangate e a força dos tirakuna, “não apenas”, “não só” e nem s(ó)lo, pois que Luciano pro/move alianças diversas para fazer pa(z)sar seus (des)afetos, (dez)afetos, (diz)afetos e (s)e(m)sações mergulhadas em (r)astros que, “no transcurso (...) ajudamos a engendrar”, por mais que fiquem apenas “os inacabados / contornos / dos símbolos selvagens / que [en/t[r]alhamos] / pelos / caminhos”.

Todavia, lembremos, como dizia Antonio Machado, que "o caminho se faz ao caminhar" e que fa(s)er esse caminho com o escrivinhante é abrir-se à uma sonhação selvagem, (n)o delírio de um poema-mundo “num tempo antes do

des troço

tempo[, onde] os gases sonharam que seriam pedras / e
assim se transmutaram em poeiras” e pó/emas.

Pó/emas que, cósmicos, “em suas lentidões sedimentaram /
permitindo às agora pedras sonharem / um dia virarem
águas-vivas”. Pó/emas que, temperados por essa
“curiosidade [de] (se) experimentar nesse mundo ou(t)ro”,
fizeram não só o poeta: “alç[ar] voo e não mais volt[ar]”.

Mas invencionaram uma vida que, sem fecho, “lateja e
resiste”, “[ir]rompe[ndo] o (si)lêncio, [e] expressando-se em
um corp(o)u[t]ro que, “em completa ebulição / emergiu do
casulo [com(o)] a borboleta / tentando atavicamente
conhecer / o que podia esse novo cor(p)o”.

Tanto quanto “para que serviriam antenas, patas” e, de
fato, para que serviriam tais poemas se não para dar, mais
do que ante(na)s e patas, f(r)ut(ur)os, (c)ouros e pelos.

Pois bem, então. Com isso em v(is)ta, em nossas
páginaslínguaspelescosmos, ressoa a pergunta do poeta:
“amansa-se / uma / vida?”. Pois que se se amansa não se
sabe, mas o

que se sabe é que se ama. E aqui, nesse trans(es)crever, ama-se, sobre/tudo, a vida: *uma* vida, *una* vida, *_n_* vidas.

(És)crever, sob/re, como e em meio de um afeto-sensação. Ensaiaando, no próprio ensaio da escritura, a escrita enquanto um modo de ensaiar um pensamento, de e no e(m)sair (de) uma pensação, de e no en/sai(_r) de um e(m)clausuramento, de e no e(m)se[r]ja/r um pensensa(mo/vi)mento no (des)fazimento dos des troços, dos diz troços, dos destroços do livro(.) em seu des/fa(s)er (*n*)o “(...) excesso [que] gera o resto”, o tema e o te(s)to, epígrafe do livro que é, (des)cabe e extrapola o seu próprio poema.

E no “aproveitar um pouco a caminhada” com o autor e com a “vida [que] aperta firme nossa mão e fala sempre olhando nos nossos olhos”, vamos e(m)cont(r)ando e en/cantando diferentes “mins” que(,) vão(,), “m(an)useam (...) resquícios *in*/ativos de quem f[l]ui”, soprando “a poeira que já se acumulava / nesse fragmento de escombros”.

Nos abrindo para um mosaico de “cor(p)os para serem revisitados no catar dos restolhos (...) quando a vida assim desejar”. Para, na própria voracidade do desejo, na própria

des troço

voralidade da escrita, no “co(teja)r nos devires / [n]os relances das múltiplas / pale/ontologias possíveis”, multiplicar(-nos) “muitos universos [que] ainda faremos nascer” no encontro com a escritura de Gomes, que nos permite (des)frutar de um esti(l)o que se des/cola e er(r)a.

Afinal, a seriedade de um poema diz respeito também à sua capacidade de errar, à sua qualidade de errância: de p(ô)r for[m]a, mais do que por f(ô)rma.

E(m)caminho para o e(m)tre(,) no (si)lêncio e no co(m)forto, no aspiro, no respiro e no (de)lírrio, no cor(p)o e no copo que trans/bordam e e(m)tre(te)cem espaços repletos de “mins”. “[E]spaços em que me co(m)stituo” e que nos constituem, nos co(m)stituem, nos co(i)nstituem, nos tecem e nos es/tendem ao sol para tomarmos uma brisa fresca de mar em favor de uma “sensibilidade renovada”. Redefinida nos “encontros com [os tantos] ou(t)ros” m(in)s do poeta, no “f(r)ut(ur)o[-]deslocamento do que ora sou”, do que ora somos, no (s)er(z)ir da “nova roupa que me nascerá / no próximo (qu)ando”.

E do mesmo jeito que a teia não é artefato, o pó/ema aqui integra o cor(p)o do autor. Ou, melhor, cria e expande o

corpo do leitor-autor, esse corp(o)u(t)ro que, a/feto de tantos mundos, “expande em extensão e percepção” nesse “(se) parir [um mundo e um poema] por dentro” dos mundos(,) no inters(ols)tício do verbo e do pala(vra)dar e(m)tre puls/ares, respiros, conchas, sereias, casulos, (c)almas e pessoas. “[M]uitas pessoas des troçadas” que, no seu desvio e desver, devê, desvê, des(re)vê, des(bre)vê o mu(n)do, o m(um)do, o cosm(um), o co(s)m(um)do.

Ag/ora, se existem “experiências das quais nos desfazemos”, aqui onde “a onda ainda guarda forças”, vemos a escritura de Luciano polinizar esse “algum movimento que (â)nim[a] partículas / que voltam como registros de mim para o oceano”. Registros est/ético-sensíveis que, lembrando de Caetano Veloso, (des)aguam (n)o leitor, (n)os fa(s)endo oceanos de uma “permanente mudança do que a cada momento éramos”, de um presente-f(r)ut(ur)o-passado, para lembrarmos também de Waly Salomão.

De uma busca-produção de um (si)mente que não aceita “não ser o que não somos [e] exige que a gente suma [e] exige que a gente sumo [e exige] que a gente sempre mude”, tal como a árvore(;) mudar, se fa(s)er muda,

des troço

s(i)mente, semente, se[r]mente, como “a árvore [que] extrai
/ a esperança para lançar seus galhos / ao sol”.

Isto é, uma escritura que busca fa(s)er f[l]oras em meio a
so(nho)s que, como diz o poeta, “não brota[m]
espontaneamente / precisa[ndo] ser semeado[s] /
regado[s]” e jogados no ventilador a fim de se(r)me(i)ar
vidas lav(r)adas / la[r]vadas \ larvradas que se deixam
“levar pelos ventos enlameados pelos sonhos” e pela terra
de um (não-)lug/ar onde o a(u)tor e leitor podem “botar o pé
no chão pra melhor sentir / a superfície que está dentro de
mim”, “sendo solo desde a pele”, “água correndo / e muito
fogo por baixo”.

E, de fato, fica exposto e claro como o (t)err(a)
[tó]rio(-)existência(l) de lu[z]ciano, esse “chão[,] foi arado,
semeado, regado, [e] nutrido por outras pessoas que só são
elas em mim assim como só me sou com elas acariciando
essa minha pele de terra [e mar]” nesse “roçar (de) corpos”,
nesses encontros que vão “inoculando[-]se/mentes de
mundos outros”, de corpos ou(t)ros. “[L]ançando raízes que
me atra(ns)ve(r)ssem a pele / e me hibridizem” “(...)
gera[ndo] mais sementeiras / de mundos outros a
ama(l/g[a]ma)rmos”.

Na em/p(r)eitada mesma [de] ter (de) [criar] (n)o cor(p)o “a experiência efetiva / da (...) aurora porvir” seja no ser-tão, no mar e no “atlantico [d]os [es]poros das plantas”, das s(i)mentes e dos poem(á)r(vor)es que, nas “temperadas zonas psicoafetivas” dessa obra e seus des[d]obramentos, cultivam uma outr(id)a(de) vida.

Uma “vida nova [que] pulsará no dobrar de duas esquinas”, de duas páginas ou estrofes que, no [re/]verter [de] uma g(eu)grafia e de uma dia/gramática próp(r)[osit]i[v(ida)]a, permitem “antever [e e(m)t(re/v[iv])er] uma aquecida proliferação multitudinária” “esperançadamente vivencia[n]do” esse co(m)posto que desforra e desferra e fazfarra d(e)m Gomes.

Co(m)pos(t)erra que nos faz “[a]largar o livro e (...) ler a chuva”, a “encostar o ouvido na intimidade do teu son[h]o”, “(pr)esc(r)uta[ndo] os murmúrios dos ge(rme)ns / rompendo as cascas das sementes” de mundos-ou(t)ros “que permit(i/ria)m se alastrarem / as aéreas raízes (...) / capazes de nutrir e oxigenar / (...) son(h)os por vir” no tracejar de (r)astros.

des troço

(R)astros e (l)astros que, em e como meio às “formas do vento produzir cor/po para si / ao afetar outros nos fluxos [e outros cor(p)ares]”, nos põem em co(m)tato com “[formas de] (me) presentificar” na “constante fric(gni)ção d(e um)a f(l)uição dinâmica” e no “re/colhimento dos e/feitos / dos e(m)cont(r)os nos cor(p)os” em meio a um(a) “te(n)são sutil / nesses débeis e excitados apêndices da pele”. “[S]e permiti[ndo] não apenas (se) deslumbrar / mas deixar-se guiar por eles”, pelo “tesão [da escrita, da aventura da escritura] / ou ao que prefiro nominar aqui, com a benção, a bata e a clave do poeta, uma “poesia cravada no cor(p)o”.

Uma poesia de um escreve(ferve[r])sendo que, nos diz troços da linguagem, nos seus de(z) troços, nos des troços sob(re) cor/po-p/ele, sob(re) a cor/po-pele-língua, sob(re) o corpo-pele-cosmo, “no espaço virtual que se dispõe / entre o papel[, a pele] e a ponta do lápis / se espreme, se espalha, se molda e se ergue / toda uma vida” que se quer, se deseja e (se) expressa, na “co(m)taminação[,] no sangue do verbo”, “que se está a viver / e ser” e cre/ser.

Pois que “(s)eu racional (...) é poeta [e] (s)eu emocional muitas vezes só trans/borda”, tensionando em seus des/vãos, de(s)vires e de(s)fa(s)eres, “(in)significantes / até

seus deslimites / a fim de vislumbrar / por suas f(r)estas / e
perceber (...) / o que se dá a ver” qu/ando “olhando em
perspectiva”, lá onde há um poema pro/curando abrir uma
clareira(;) no momento em que “o lápis balbucia / gagueja
sobre a página / e tropeça nas linhas / aparentemente sem
ideia”. Ali onde “já chega (a)o mundo / sabendo o que
[se(r)] quer”: (és)crever, “como um co(m)pos(i.t)or[, como
um impostor] / que se deixa brincar / com[o] seu
instrumento / ar/rebatado (...) / de um(a) som(a)
[incessante,] interessante”, espessante.

E é no esculpir-se e (ar)ar-se enquanto s(ó)los onde se é
possível b(r)otar e escreve(se)r p(ó)esia, em um “dentro
profundo” que podemos a/p(o)lpar (n)esse livro, tanto
quanto em seus poemas-multidão de sim(gulari)dade/s para
a vida.

Um d(em)tro onde podemos “re/pensar o [nosso] papel
como [h]um[o] substrato”, “recolhe[ndo] os ec[c]os”[, os
seres,] os “vestígios, [os] n(ó)s[, os] vãos [e des()troços]
e(m)tre os blocos afetivos de s/eu(s) escreve(ferve)ser de
universos, multiversos, pluriversos, (s/eus) eus/versos,
s/eus tra(n)sversos que “ajud[a]m no nascimento de novos
faunos centauros e titãs / ao se destinarem a fazer parte[,

des troço

p/arte, par/te, p(ar)te, _ar/te, ___te] / (d)esse caldo de
coacervados da poesia em nós / de onde afinal nunca
saímos”: somos nós, somos outros, somos n(ó)so[u](t)ros,
nósoutrem.

Eis então que, nos “últimos versos / em cascas de pão que
acaso tinha à mão”, Des troços
[n]os engoliu para que “[n]a potência da p(ó)e[c]ia dos des
troços por (se) fazer, por (si) fa(s)er / (a) suportasse nos
primeiros momentos[, mom(em)tos, mo(vi)mentos,
mo(vi)m(em)tos] ainda *in/ex/atos* / do e[m]vanescimento
para si (de) seu eu” que, dentro ou fora do concreto, na
(des)”ordem dos fatores”, entre “transesãotransesons” e
“poesia(s) menor(es)”, em um “poe/m(a/r) [que] é nosso”,
se par/isse um “alguém [que] desejava[, que des(s)ejava,
que desse(l)ava, para] trans(a)cender” e (se) “diluir (n)o
e(m)contro”.

Nos des troços do livro: uma partitura a céu(f) aberto para
co(m)certos (d)e poem(á)r(vor)es - Alexis M. [poema-orla]
Alexis Milonopoulos é
artista-cientista-curador-ter(r)apeuta-banqueteiro-
cosmonauta-farofeiro.

luciano bezerra gomes

“Dotô” em Saúde Coletiva, vem experimentando o que
mais
a vida pode, pode (ser) e fa(s)er em (e como)
meio e ingr[a]diente dessa farofa(da)
cós mica que é viver.

des troço

passagens

não um fiel à busca de crenças para si

sou mais o sacerdote de um deus
que há muito se sabe morto

não pretendo poderes sobre o mundo
nem busco seguidores
apenas continuo a ministrar sacramentos
para uma fé que não tem mais
incorporalidades a constituir

essa ausência de mistério
e a desnecessidade de profetas
para o que deixou de transcender
são o meu catecismo
e minha aleluia
amém

des troço

a flecha de nietzsche

princípio

no

já era um

meio

e assim também nos

inícios

anteriores

que sempre tinham

algo

antes

brotamos aqui pelo

m

e

i

o

de outras vidas

e evanesceremos no transcurso
das que ajudarmos a engendrar

luciano bezerra gomes

de

r

a

s

t

r

o

s

ficarão apenas

os inacabados

contornos

dos símbolos selvagens

que entalhamos

pelos

caminhos

des troço

sonhação selvagem

num tempo antes do tempo
os gases sonharam que seriam pedras
e assim se transmutaram em poeiras
que em suas lentidões sedimentaram
permitindo às agora pedras sonharem
um dia virarem águas-vivas
cujos sonhos de que desenvolveriam esqueletos
levaram aos seres que
em vigília
desejam
ou temem
virar poeira cósmica

corpo outro

depois de semanas pregada à parede
aparentemente imóvel, mas em completa ebulição
emergiu do casulo a borboleta

ficou nele pendurada ainda por horas
tentando atavicamente conhecer
o que podia esse novo corpo

para que serviriam antenas, patas
e essas coisas pesadas e grandes nas costas
que pareciam querer levá-la ao precipício

até que a curiosidade superou o receio
e resolveu se experimentar nesse mundo outro
alçou voo e não mais voltou

des troço

para João Guimarães Rosa

amansa-se

uma

vida?

luciano bezerra gomes

meu excesso

gera

o resto

des troço

para walter galvão

vida tem fecho? ponto? nó cego?
placa indicando rua sem saída
num local que a gente possa
chamar de final?

vida lateja e resiste
ainda que trêmula
feito chama de vela?

vida desce duas paradas antes do destino
para aproveitar um pouco a caminhada?

vida aperta firme nossa mão
e fala sempre olhando nos nossos olhos?

vida rompe o silêncio
e rasga o penúltimo verso
para continuar eternamente inacabada
sua versão definitiva?

mins

des troço

soprei a poeira que já se acumulava
nesse fragmento de escombro
que uns dias atrás
se me descolou da pele

não por apego ao corpo que era eu
quando acoplava-me pelo mosaico
em que este pedaço me constituía

apenas guardarei seus restolhos
junto aos que tenho conseguido catar
para serem revisitados quando a vida assim desejar

aprendi que venho me conhecendo melhor
manuseando esses resquícios inativos de quem fui
ao cotejar nos devires
em vias de se atualizarem
- e de me desterritorializarem -
os relances das múltiplas
paleontologias possíveis de mim

nossos big bangs

muitos universos ainda faremos nascer
da reiterada explosão primeva
desencadeada dos encontros dos nossos corpos
que se vão transformando
pelos acoplamentos dos destroços
dos planetas em nós que precisamos destruir
para, com o desprendimento abrupto
do que neles restava de energia,
nos recriarmos nesse singular tempo-espaço
que abrange a multiplicidade de uma existência

des troço

ao rés do peito

desalinhavo os rebordos

para acessar os afetos extraviados

que lá se recolheram resindignados

e desparafuso-lhes os tampos

para diagnosticar pelos eflúvios

que deles emanarem

em que estado de inconstância

me perco hoje

luciano bezerra gomes

escutando ayrton montarroyos

pretendo enfrentar esta desolação
como quem esmigalha ventos
e, determinado, despetala um silêncio
para extirpar nossa solidão

des troço

não me permitem desfrutar do estio
que se descola dos nobres humores das aristocratas
e dos erradios bêbados das grutas escondidas nas ladeiras
[de salvador

no ocaso da noite
aspiro o silêncio
e fico repleto de mim

a isto chamo saudade
não à ausência de alguém
ou à falta de algo

minha saudade
é a ocupação em mim dos que trago no corpo
que se atualizam e me transbordam

des troço

meu antebraço tem estado nauseado
pois parece pressentir os arrubos
de tempestades profundas a emergirem,
e seus pelos acaricio
tentando confortar esse deslocado estômago

. . .

só quando assumo que os ruídos
disseminados pelos nervos que me atravessam o membro
[superior
são percebidos e significados homologamente
aos peristaltismos espasmódicos desse tempo,
é apenas nesse quando
que me encaminho para o entre

reúno os fragmentos de unhas que corto a cada semana
junto-os com os cabelos caídos que recolho no ralo do
[chuveiro
e macero esses grumos ensebados

uso tal substrato para tecer um arame
o qual estendo ao sol para pendurar as peles
que se me descolam esporadicamente

minha nova superfície que se expõe após essa eclise
estranha o ambiente circundante
pela sensibilidade renovada
redefinindo os espaços em que me constituo
nos encontros com outros

depois de um tempo secando ao sol
recolho aquela carcaça que quase não percebera quando
[caíra
para poder senti-la não mais ajustando ao meu corpo
e depois deixá-la exposta num museu tosco
em que agrupo por cronologia
cada uma das minhas desencaixadas engrenagens táteis
por meio das quais o mundo me afetava
e que servem agora apenas para me facilitar

des troço

o futuro deslocamento do que ora sou

talvez a ruptura da derme que hoje me veste
se tenha subterraneamente iniciado
e esteja sendo internamente cerzida já
a nova roupa que me nascerá
no próximo quando

João Cabral de Espinosa

a teia não é artefato
como uma armadilha de caça

ela integra o próprio corpo da aranha
que de umas pernas compridas e magras
articuladas a um cefalotórax
se expande em extensão e percepção
por meio da teia
tornando-se tão vasto quanto as distâncias
entre as superfícies às quais se conecta

assim também meu corpo
se espalha pelas conexões noutros corpos
dentre os vários que afeto
e com os quais nos interconstituímos

eu sou minhas redes

des troço

do solo que a árvore extrai
a esperança para lançar seus galhos
ao sol
também é de onde faço impulso
pra subir em meus próprios ombros
a fim de melhor compreender
o modo como venho me parindo
para dentro

luciano bezerra gomes

o mar acordou o maceió
no final da praia do bessa
quando começou a cair
a primeira chuva do inverno

e eu
água encriptada que enxergava
me diluí nesse encontro

des troço

Eu sou minha eterna Guerra de Troia:
instalou-se em mim, bem no centro do peito,
um cavalo recheado
que, de tempos em quando, se abre
revolucionando meus interstícios.

Mas, assim como Homero é lido de modos distintos
a cada geração que o resgata pelos milênios,
no breve curso de minha existência,
sem que me aperceba bem seus motivos,
vão mudando os ocupantes desse cavalo que trago
[incrustado.

Por isso, a cada incursão desses rebelados –
que se desacoitam da madeira espremida
no estreito vão em que se alojaram,
entre as batidas do coração e os movimentos pulmonares –,
são diferentes os efeitos que recolho.

E quando uma aparente paz se instala,
ainda que num equilíbrio metaestável,
levando esses guerrilheiros a remontarem seu invólucro
[equino,
fico eu a espreitar quando irromperá

luciano bezerra gomes

uma nova batalha nessa infinita peleja
que se trava entre meus pulsares e respiros.

des troço

desrever

tem experiências das quais nos desfazemos
jogando-as contra as paredes
ou estilhaçando-as à unha

outras as relegamos
a encararem a inanição
negando-lhes seus fossilizados combustíveis

mas muitos dos pedaços de vida mais renitentes
que arrastamos durante anos nos nossos subterrâneos
decidimos abandoná-los pela sinuosa porta do silêncio

desrevendo tais cacos de afetos
redescubro certos desvãos
e desinvisto restos de não

prefiro caminhar na parte da areia
em que a onda ainda guarda forças
para dobrar-se e recuar pro mar

assim não me apego à pretensão
de deixar pegadas indeléveis
como se fossem fósseis a testemunhar minha passagem

e procuro me refestelar ao imprimir na água
algum movimento que anime partículas
que voltam como registros de mim para o oceano

des troço

somos o...

espera um pouco

quase eu caía de novo no hábito

de ir falando como se efetivamente fôssemos algo

se pudéssemos ser algo

seríamos somente a permanente mudança

do que a cada momento éramos

mesmo que o que quiséssemos

fosse ser sempre nós mesmos

até essa própria busca por si

mostra que de fato nunca fôramos

o que acháramos que teríamos sido

e aceitarmos não ser o que não somos

exige que a gente suma

exige que a gente sumo

que a gente sempre mude

o rumo

da prosa

e desarrume

o prumo

luciano bezerra gomes

da praça

des troço

foras

luciano bezerra gomes

um sonho não brota espontaneamente
precisa ser semeado
regado

mas depois de fincado
também não se esvai por si
nunca é vítima de morte morrida

sonho só morre assassinado

des troço

para eliane brum

enquanto cai
a árvore não sabe se reclama
dos lenhadores
dos donos da terra
das indústrias de machados tratores e correntes
ou do ibama

enquanto cai
a árvore quase não tem tempo
para se despedir
dos seus passarinhos

enquanto cai
a árvore ainda procura forças
para ficar de pé

enquanto cai
a árvore fica estrangida
por esmagar as plantas e bichos menores
que ficarão sob seu cadáver

enquanto cai

a árvore deixa de fazer sombra
e vira sombra

enquanto cai
a árvore segura o choro
e o grito

enquanto cai
a árvore recebe um minuto de silêncio
dos mortos da floresta

enquanto cai
a árvore deixa de ser
árvore

des troço

verde e amarelos

mesmo

na

dor

trabalha

dor

é

engrenagem

onde

se

for

trabalha

dor

é

motor

prum

mundo

que

trabalha

dor

é

lenha

levantar
lavar o rosto
beber água fria
fazer café quente
encarar o dia
jogar sonhos no ventilador
saber-me pouco com poucos
encarar desafios sentindo-me muito com aqueles mesmos
poucos
deixar-me levar pelos ventos enlameados pelos sonhos que
jogáramos nos ventiladores
recolher a energia da noite
brindarmos com nossos cafés mornos
lavar os corpos
deitar

levantar
lavar o rosto
beber água fria
encarar o dia

des troço

vidas lavradas

enche o estômago de farinha
pra poder irrigar o chão
com o suor que jorra do rosto
enquanto afaga o cabo rude da enxada
que castiga o solo
e o emprenha de sementes

assim nascem simultaneamente diferentes vidas:
as semeadas que germinam do terreno
as exploradas que se organizam
e viram sem terra

**manifesto do chão
(ou manifesto da superfície)**

I

ao procurar sentir-me onde estou
reconheço o não lugar em que cheguei
não por ter me perdido no caminho
mas por ter(-me) esgotado (n)a caminhada

II

dessa situação só saio
ao botar o pé no chão pra melhor sentir
a superfície que está dentro de mim

e nisso vou sendo solo desde a pele
mas não um chão só de pedra
tem grama, areia, raízes, bichos os mais variados, água
[correndo
e muito fogo por baixo disso tudo

III

cada pedaço desse meu chão

des troço

foi arado, semeado, regado, nutrido
por outras pessoas
que só são elas em mim
assim como só me sou com elas

IV

acariciando essa minha pele de terra
produzo minhas insurreições
procurando contaminar as pessoas que se criam perdidas
- por não reconhecerem seus esgotamentos -
e em nosso roçar de corpos
nos encontros
vou-lhes inoculando sementes de mundos outros

luciano bezerra gomes

ao comitê popular de luta
saúde e educação

ficaram enroscados na minha barba
alguns fios de cabelo
desprendidos em abraços recentes
dados no furor da campanha eleitoral
vivida em intensas ações coletivas
junto ao comitê popular de luta

recolho esses anônimos pelos
umedeço-os em meu suor
e os alojo na palma da mão
antes de fechá-la firmemente

e assim cerrada ela permanecerá
indefinidamente
até que essa pequena massa capilar
se torne semente e germine
lançando raízes que me atravessem a pele
e me hibridizem

dos galhos que crescerem a partir de meu braço

des troço

farei enxertos para ofertar
às pessoas que comigo estão nas ruas
retroalimentando a construção de novos sonhos
miscigenados
que permitirão gerar mais sementeiras
de mundos outros a amalgamarmos

sazonalidades

frequentemente me emociono
com metáforas
que recorrem
à primavera

seja a que virá inexoravelmente
por não poder ser impedida
ou a que precisa ser segurada
entre os dentes de uma cabeça decepada

pode ser que me afetem de modo especial
pelo fato de eu não ter no corpo
a experiência efetiva
da obrigatória aurora porvir

vivendo numa região de clima equatoriano
as quatro estações do ano são
no máximo duas:
estio e quente com chuva

tendo ainda me dividido pelas décadas

des troço

entre dois pedaços desse mundo
uma parte primeva no sertão
e a já mais que segunda metade da existência litorânea

na primeira as flores precisavam ter vontade
de se nutrir da poeira que emana do chão duro
ou a audácia de se abrir
diretamente dos espinhos

na atual a polinização da maresia
impregna os corpos até vegetais
e a umidade da devastada mata
consegue atlanticar os poros das plantas o ano todo

- - -

o ciclo regular das etapas
definidas sazonalmente
deve constituir também
temperadas zonas psicoafetivas

as pessoas dessas regiões que não me pertencem
possivelmente lidam melhor
com tempos de outono pela certeza inata de que

vida nova pulsará no dobrar de duas esquinas

um longo ciclo de trevas e de destruição ativa
das sementes de que vivemos
poderia ter sido mais esperançadamente vivenciado
se fosse esse meu ambiente

mas sou composto por um semiárido
que nunca saiu de mim
e um mar de águas mornas
que até hoje me vai ocupando mesmo quando não quero

isto pode ter feito eu pensar que o tenebroso
seria um novo modus de longa estação
que se quebraria provisoriamente em incertos momentos
pelas torrenciais e temporárias águas

ou seria também o que me faz insistir
em sentir ser possível reverter essa geografia
que permitiria antever um aquecida proliferação
[multitudinária
que se manteria térmica mesmo em épocas de nuvens
[espessas

des troço

o clima é minha matéria (prima)

- ou ao menos o que consigo

perceber como sendo meu

embora de vero ele é o que me faz eu

um dia de domingo

deitado na rede da varanda
lia sidarta ribeiro dissertar sobre o corriqueiro
desafio de cantarolarmos uma melodia
enquanto escutávamos uma outra
e da relação diretamente proporcional
entre o volume da música interferente
com nossa dificuldade em rememorarmos
a canção que tentávamos reverberar
na mente

quando começa a cair uma leve chuva
que cresce ao ponto do barulho
provocado pela precipitação
dificultar progressivamente
minha concentração no que estava lendo

com isso resolvo largar o livro
e passo a ler a chuva
por meio dos pingos fortes
que vergavam as folhas do jardim
quicavam no piso da área externa

des troço

e lavavam o quintal da minha casa

até que os olhos e ouvidos ficaram insuficientes

e me dispo

para ler a chuva com a pele

que passa a recolher as moléculas frias

carregadas de outros corpos

agora a escorrer entre meus pelos

esgotada a sangria das nuvens

enxugo-me e retorno à rede

registrando aqui este evento casual

por fazer sentido para mim

ainda que remotamente

compartilhar-me com outrem

pois como tinha lido páginas antes

no mesmo livro do sidarta

“loucura é sonho que se sonha só”

nesta manhã luminosa do janeiro paraibano
termino de lavar os pratos dormidos
da ceia familiar do réveillon
enquanto escuto às costas
uma conferência do josé miguel wisnik
refletindo sobre o mundo em drummond
gravada anos atrás
num antigo auditório da ufba

depois enxugo as mãos
dou um joinha pro vídeo no youtube
e abro os pulmões
para 2021 entrar

des troço

uma pipa solitária dançava alto
no céu sem nuvens do bairro de jaguaré
neste frio fim de tarde do maio paulistano

alguém desse concreto
desejava transcender

um pouco de

des troço

queria encostar o ouvido
na intimidade do teu sono
e prescrutar os murmúrios dos germens
rompendo as cascas das sementes
para perceber afastarem-se
as primeiras partículas do solo
que permitiriam se alastrarem
as aéreas raízes rizomáticas
capazes de nutrir e oxigenar
teus sonhos por vir
nessa ainda intranquila alma
de mulher se aceitando madura

assim como a água
é tanto adaptável como pesada
também te quero ser
fluido e denso

e tal qual o claro-escuro
do negro com o solimões ao se chocarem
desejo tracejar nossos rastros
até eles se misturarem e se engolirem

des troço

fazer bailarem as folhas das árvores
levantar a poeira do solo e rodopiá-la
agitar as ondas
espalhar os sons
esculpir falésias
acariciar os pelos
são formas do vento produzir corpo para si
ao afetar outros nos fluxos

assim também pretendo me presentificar em você
pela constante fricção da fruição dinâmica
pelo recolhimento dos efeitos
dos encontros nos corpos

ativar-se pelos quase imperceptíveis pelos
que circundam seu umbigo
e se eriçam por pressentirem
um roçar leve dos lábios
que hesitam entre descer pro púbis
ou perder-se em meio aos seios

captar esta tensão sutil
nesses débeis e excitados apêndices da pele
e se permitir não apenas se deslumbrar
mas deixar-se guiar por eles
poderia ser a imagem atrelada
à noção de tesão
ou ao que prefiro denominar
como poesia cravada no corpo

des troço

inverno

não tenho ideia de como se calculam
as distâncias e a localização exata das estrelas
e menos ainda estimar a probabilidade
de os raios que emanam
da explosão oriunda de uma delas
virem a iluminar exatamente seus olhos
enquanto eu os mirava

por isso peço encarecidamente
a ajuda de algum astrofísico
pois me apeguei à ideia
de que se eu fizer o caminho reverso
em busca da origem daquele brilho resvalado
nas suas retinas quando de nosso adeus
eu poderia tê-la comigo uma vez mais

luciano bezerra gomes

escrevendo

des troço

para torquato neto

faltam termos pra afirmar o que se sente
não por deficiência de vocabulário
mas por parecer carecer carne e osso
para fazer as palavras se sustentarem
ou por alguma contaminação no sangue do verbo
que não mais alimenta e sim intoxica os sentidos
ou por miasmas que se disseminam nas entrelinhas
sufocando o que se quereria dizer
do que se está a viver
e ser

luciano bezerra gomes

para João Cabral de Melo Neto

no espaço virtual que se dispõe
entre o papel e a ponta do lápis
se espreme, se espalha, se molda e se ergue
toda uma vida

des troço

certas pessoas me sabem poeta
e acham que tenho uma dimensão afetiva bastante
[elaborada

mal sabem que meu racional é que é poeta

meu emocional muitas vezes só transborda
e aquele é que cata o que pode
para tentar dar forma de verso

seria adequado pensar
que puxo de meus desvãos
as imagens despidas
para depois buscar palavras
que possam vesti-las
ainda que modelando-as
como essas figuras imprecisas
que continuam a ser?

ou que tensiono significantes
até seus deslimites
a fim de vislumbrar
por suas frestas
e perceber
meio ofuscado
o que se dá a ver
ao atravessá-las
paisagens visuais
- ou mesmo sinestésicas -
com estranhos
múltiplos
sentidos?

olhando em perspectiva

des troço

capto no que escrevo
ambos caminhos
pois como quem presente
uma migrânea se alojando
às vezes sinto
que tem um poema
procurando abrir uma clareira
ainda sem os termos exatos
com que se erguerá
mas que já chega ao mundo
sabendo o que quer

enquanto também tem dias
em que o lápis balbucia
gagueja sobre a página
e tropeça nas linhas
aparentemente sem ideia
de antemão
do que pretende
até aparecer
algo de instigante
no que acabei de escrever
como um compositor
que se deixa brincar

luciano bezerra gomes

com seu instrumento
esperando ser arrebatado
pelo irrupção espontânea
de uma som interessante
inconscientemente
gestado

des troço

deve ter sido difícil para uma vida
esculpir-se em si um João Cabral
quando já existia no mundo um Drummond
o qual por sua vez admirava um Bandeira
e este de seu lugar aqueloutro que lhe antecedera

e quantos que se impactaram com Drummond
foi preciso se aventurarem a continuarem escrevendo
[poesias
para que tivéssemos um único João Cabral?
e não teriam as muitas que tentaram se embrenhar
nas clareiras abertas pelo Bandeira
ajudado na aragem dos solos de onde foi possível
brotar o Drummond?

a primeira estrofe deste poema
transforma o papel em branco num objeto ameaçador
quase como se estivesse me sujeitando a punições de
[tribunais eclesiásticos
por profanar a memória de gigantes
nos quais é ainda mais desafiador subir em seus ombros
pois o mais longe que se tentaria olhar
está não num fora remoto que necessitaria apreender
mas num dentro profundo em que ao apalpá-lo

também o estou modificando no contínuo refazer-me a mim

a resposta para o enigma da esfinge
que precisei aceitar para não me paralisar
pelos monumentos que me encantam e devoram
foi pensá-los como multidão
não na noção apenas de cada um sendo muitos
mas que mesmo e especialmente eles
tanto mais singulares o foram
quantas mais multiplicidades os constituíam
com os outros em si

desse modo posso repensar o papel como um substrato
em que busco recolher os ecos
dos coletivos anônimos que me antecederam
e deixaram vestígios nos vãos entre os blocos das pirâmides
espaços sem os quais elas mesmas não poderiam ter sido
[levantadas

que meus versos ajudem no nascimento de novos faunos
[centauros e titãs

ao se destinarem a fazer parte
desse caldo de coacervados da poesia em nós
de onde afinal nunca saímos

des troço

Gil in concert

nunca teria a pretensão de ser aqueles óculos
que de alguma maneira ajudam a emoldurar
o olhar singular que ele lança pro mundo

também não ousaria querer estar no lugar
de sua roupa
que o abraça tão carinhosamente

seu violão menos ainda
pois é de onde extrai
o que junta com a voz para nos afetar

mas queria com toda minha força
ser aquelas alpercatas de couro
que Gil delicadamente faz subir e descer
ritmadamente com os compassos da música

não teria problemas de suportar seu peso
e de encarar as lamas por onde ele andar
para estar em contato direto com suas solas dos pés
embaladas por cada acorde e pelo timbre

luciano bezerra gomes

octogenário

daquela natureza tanto incontrolável quanto contida
da orientalidade nagô

des troço

presentindo a iminente chegada da morte
a poeta rascunhou apressadamente seus últimos versos
em cascas de pão que acaso tinha à mão
e os engoliu
para que a potência da poesia por se fazer
a suportasse nos primeiros momentos ainda inexatos
do evanescimento para si de seu eu

sobre o autor

Luciano Bezerra Gomes é pai, poeta, professor de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba, ativista de muitas causas e instigado com o mundo.



Nascido em Cajazeiras-PB, no ano de 1979, vive em João Pessoa-PB.

Na área da poesia, publicou, pela Editora Rede Unida, o livro digital “Quase nada é novo”, no ano de 2014, disponível em: [<https://editora.redeunida.org.br/project/quase-nada-e-novo/>](https://editora.redeunida.org.br/project/quase-nada-e-novo/)

Em 2019, publicou, pela mesma editora, outro livro de poesias em formato digital, “depois do quase”, disponível em: [<https://editora.redeunida.org.br/project/depois-do-quase/>](https://editora.redeunida.org.br/project/depois-do-quase/)

des troço

Antes destes, organizou em arquivos digitais artesanais e compartilhou outras quatro obras: “Poesia Alguma ou a ordem dos fatores”, em 2003; “transesãotransesons”, em 2006; “poesia menor”, em 2008; e “meu poema é nosso”, em 2012.

Todas suas poesias foram disponibilizadas gratuitamente e podem ser reproduzidas integral ou parcialmente, sendo solicitado apenas citar a fonte.

Contato: lucianobgomes@gmail.com



Com poemas escritos entre janeiro de 2020 e junho de 2023, "des troço" apresenta, de maneira poética, o modo como seu autor elaborou um olhar estético para elementos singulares que transversalizaram nossos corpos individuais e coletivos em um período intenso e difícil da vida no Brasil e no mundo. A obra conta com 45 poemas, divididos em cinco partes/capítulos, tem prefácio de Alexis Milonopoulos e capa com pintura de Júlia Nascimento Gomes.

ISBN 978-65-5462-081-9



9 786554 620819 >

